



ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA
ASSOCIAÇÃO DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA DA AMÉRICA LATINA

CONVOCATÓRIA

Por uma ciência e educação superior pública, gratuita, crítica, humanista e intercultural, baseada em modelos plurilíngues de investigação e docência

Na academia latino-americana aumenta a preocupação com determinados processos de reestruturação das Ciências e da Educação Superior que incluem os seguintes fenômenos:

1. a crescente expansão do inglês e o deslocamento de outras línguas, como o espanhol e o português, de áreas estratégicas do campo das Ciências e da Educação Superior, e
2. a imposição progressiva de sistemas de avaliação, hierarquização e exclusão pertencentes a um modelo empresarial de gestão universitária, alheios ao funcionamento das Ciências e da Educação Superior como universidades – públicas ou privadas – orientadas para a investigação e educação crítica, científica, humanista e sem fins lucrativos.

A expansão do inglês se apresenta como um processo neutro e natural, sem atores identificáveis, inevitável e desejável; o inglês aparece como única língua da ciência; qualquer modelo alternativo ao monopólio dessa língua é declarado inviável. Já em 2010, 72% das publicações nas humanidades, 94% nas ciências sociais e mais de 96% nas ciências naturais experimentais aparecia em inglês em revistas internacionais indexadas pela *Web of Science* e seus índices de citações (*Citation Indexes*). O espanhol estava presente em 0,24% dos artigos em ciências experimentais e 2,4% em artes e ciências humanas e o português ocupava espaços ainda menores. A hegemonia extrema do inglês no subcampo da circulação científica (publicações, conferências) criou uma crescente pressão pela adoção do inglês como língua de ensino na educação superior, particularmente na pós-graduação; este processo avança com especial rapidez na Europa e Ásia, no entanto já temos seus primeiros indícios também na América Latina.

Atualmente nos encontramos diante de uma disjunção histórica no campo das Ciências e da Educação Superior: consolidar a passagem da atual situação, caracterizada por uma marcante hegemonia do inglês em contexto de um multilinguismo acadêmico reduzido a umas poucas línguas, para um monopólio total do inglês no futuro imediato neste campo; nas publicações em ciências naturais, este processo está praticamente concluído. Ou, em vez disso, reabrir e reforçar o amplo ciclo de desenvolvimento vertiginoso das ciências baseado em um modelo plurilíngue, regionalmente diferenciado, como um de seus componentes constitutivos.

O avanço do inglês está relacionado à imposição de um modelo empresarial de gestão universitária que se baseia nos princípios de eficiência, eficácia e redução de custos e na teoria do capital humano, que transfere o custo da educação universitária aos indivíduos. Como parte deste processo,

surgiram novos sistemas de avaliação acadêmica que estabelecem hierarquias (rankings), inclusões e exclusões de universidades, disciplinas, investigadores e revistas. A bibliometria instalou o conceito de “fator de impacto” no centro de seu sistema de avaliação: o valor e a qualidade de um artigo científico são estabelecidos exclusivamente pelo número de citações que alcança na pequena seleção de revistas do “Citation Index”. Esta fundamentação é circular e autorreferencial; carece de uma base teórica sólida. É incapaz de descrever o valor de um artigo baseado em sua qualidade científica ou em seu impacto real na sociedade. Justifica, além disso, a exclusão de quase todas as publicações que não estejam em inglês. O impressionante é que somente uma empresa multinacional de informação, a Clarivate Analytics (antes Thomson Reuters), controle em grande medida os rankings das publicações científicas no mundo por meio de seus índices de citações e, com este mecanismo, controle igualmente as carreiras e o destino dos investigadores.

Tanto os novos sistemas de gestão e avaliação como o crescente predomínio do inglês distanciam ainda mais as instituições de Ciências e de Educação Superior das sociedades às quais pertencem.

Em síntese, consideramos que os processos observados na transformação do campo das Ciências e da Educação Superior requerem uma revisão crítica da qual participem as comunidades acadêmicas. Em nosso ponto de vista, existem boas razões para não abandonarmos nossas línguas científicas e tampouco nossos sistemas qualitativos de avaliação:

1. A redução da diversidade a apenas uma língua na produção de modelos, temas e estratégias de investigação muito provavelmente conduziria, desde uma perspectiva de sustentabilidade e diversidade, a um empobrecimento perigoso do próprio desenvolvimento científico, das epistemologias e da criatividade, especialmente nas ciências sociais e humanas.
2. A imposição total do inglês reforçaria ainda mais as assimetrias já existentes, tanto no que diz respeito às condições de acesso às ciências internacionais como no que tange à circulação dos resultados das ciências e suas tecnologias. Se tomamos em conta o valor da ciência como meio de produção, essa imposição prejudicaria, em médio e longo prazo, o desenvolvimento da própria economia dos países que abandonaram suas línguas nestes espaços.
3. Os sistemas de avaliação bibliométrica privilegiam claramente as publicações e as universidades que ensinam em inglês ao colocá-las nos primeiros lugares dos rankings, sem qualquer fundamentação qualitativa. Esse deslocamento de nossas comunidades científicas prejudica nosso desenvolvimento, desempenho e independência ao nos subordinar à comunidade hegemônica da anglofonia.
4. Em consequência da crescente hegemonia do inglês, a academia e os profissionais anglo-saxões têm se tornado cada vez mais monolíngues em sua competência linguística real, porém ainda mais nas ideologias e práticas de seus membros, que já não consideram o que se trabalha e se publica em outras línguas. Estão se transformando em monolíngues funcionais, comparáveis aos analfabetos funcionais. Devido ao seu enorme peso, o monolinguismo praticado pela academia anglo-saxã influencia o resto do mundo, já que o exercício monolíngue constitui uma formidável pressão para que o resto do mundo acadêmico se subordine a suas práticas e adote o monopólio do inglês em sua atuação.

Na América Latina, como em outras partes do mundo, cresce o mal-estar com a imposição crescente de sistemas externos de definição, gestão e avaliação nas Ciências e na Educação Superior, aliada ao inglês como única língua científica. Esses modelos se impõem, muitas vezes, de forma sub-reptícia, vertical e sem amplas consultas às comunidades acadêmicas, por meio de nossas

instituições governamentais de administração da ciência, tecnologia e ensino superior (Conicet, CNPq, Conacyt, etc.) e das reitorias das universidades.

Propomos iniciar uma revisão crítica e um debate sobre os processos mencionados com o objetivo de avaliar se respondem às necessidades e às melhores estratégias para o desenvolvimento das Ciências e da Educação Superior na América Latina e no resto do mundo, ou se, pelo contrário, prejudicam o desempenho acadêmico crítico de nossas instituições e o subordinam, ainda mais do que no presente, a centros de poder acadêmico externos.

Como acadêmicos latino-americanos, advogamos pelo desenvolvimento de uma investigação científica definida a partir das necessidades de nossos países e de uma educação superior baseada nos princípios e diretrizes da educação pública gratuita, crítica, científica, humanista e intercultural.

Advogamos, também, pela preservação e fortalecimento de modelos plurilíngues de investigação, docência e comunicação científica, baseados em nossas principais línguas de integração latino-americana, o espanhol e o português, sem nunca fechar as portas às línguas indígenas e de imigração, e pela apropriação vigorosa do inglês e de outras línguas estrangeiras a partir das necessidades e nas modalidades definidas por nossas comunidades científicas, impulsionando a internacionalização da investigação e do ensino. Tudo isto possibilitará fortalecer uma relação com o inglês a partir de uma posição não marcada pela subalternidade.

Fazemos um chamado às instâncias políticas, às instituições governamentais de administração e fomento da ciência e da educação superior e às direções de universidades e de outros centros de investigação para que impulsionem políticas coerentes com os princípios e orientações aqui formulados.

Convocatória aprovada na assembleia geral da ALFAL

Bogotá, D. C., Colômbia, 27 de julho de 2017.

ALFAL <http://www.mundoalfal.org/>

Contato com o Projeto 8 “Políticas da linguagem na América Latina”:

política.lenguaje.alfal@gmail.com